

ADEUS, SENHOR PRESIDENTE AL-ASSAD!

Por Jean Daspry*



O então presidente sírio Bashar al-Assad em uma reunião com o presidente russo Vladimir Putin em Moscou, 20 de outubro de 2015 (Serviço de imprensa da Presidência da Rússia/Wikimedia Commons/CC-BY-4.0).

O presidente turco Recep Tayyip Erdogan se preparou debaixo do nariz dos seus adversários; ele claramente tem uma estratégia de longo prazo e uma tática de curto prazo, adaptáveis às circunstâncias.

“O que chamamos de sorte é a capacidade de adaptação ao inesperado” (Alfred Capus). Poucas pessoas hoje têm capacidade de adaptação ao inesperado, à surpresa estratégica nas relações internacionais. O tempo de reação costuma ser maior do que deveria ser em um mundo ideal. Isto porque, tal como a medicina, a diplomacia não é uma ciência exata. É antes de tudo uma ciência humana com toda a dimensão subjetiva que isso implica. Além disso, apanhada no fluxo ininterrupto de informação, muitas vezes não consegue distinguir os sinais fracos que anunciam desenvolvimentos importantes.

A situação na Síria é um exemplo. Embora o conflito no Líbano esteja se acalmando após o cessar-fogo de 27 de novembro de 2024, ninguém pensa em tirar as consequências da guerra liderada por Israel sobre a estabilidade da Síria. Mas, em poucos dias, a maré mudou para Bashar Al-Assad. A queda repentina de seu regime demonstra o papel do inesperado nas relações internacionais, mas também a imprevisibilidade da chegada repentina de “terroristas” ao poder em Damasco.

INESPERADO

A missa foi dita. Em 8 de dezembro de 2024, os rebeldes do grupo Hayat Tahrir al-Sham (HTS) anunciaram sua entrada na capital síria, Damasco; a fuga do ex-presidente Bashar Al-Assad (após um reinado de 24 anos) e o fim de cinco décadas de governo do partido Baath. E isto, menos de 11 dias após o início da sua ofensiva relâmpago que viu a queda das principais cidades (Hama, Aleppo, Homs, etc.) sem a menor resistência das forças legalistas. Apesar das redistribuições anunciadas, o Exército regular é impotente para conter o aumento da coligação rebelde. Uma espécie de *blitzkrieg* em que a Turquia desempenha um papel crucial. Um *tsunami* possibilitado pela evolução do contexto regional do qual Ancara soube se aproveitar.

O mínimo que podemos dizer é que o presidente Erdogan preparou bem seu ataque, debaixo da barba e do nariz dos seus adversários. O otomano tem obviamente uma estratégia clara de longo prazo (que ele define) e uma tática de curto prazo adaptável às circunstâncias (que sua diplomacia, trabalhando em simbiose com a comunidade de inteligência, recusa). Ele não conhece o inesperado. Por outro lado, nenhum dos melhores analistas da área aparentemente previu o surgimento de uma coligação insurgente liderada pelo grupo islâmico Hayat Tahrir Al-Sham (HTS, Organização de Libertação do Levante, antigo ramo da Al Qaeda) e a sua eficácia militar. Esta estrutura, classificada na infame categoria de organizações terroristas, recorde-se, é liderada por Abu Mohammed Al-Joulani. Um homem em busca de uma respeitabilidade perdida.

Iranianos e russos, enfraquecidos por razões conhecidas, são apanhados de surpresa pela manobra turca. De Paris, onde trabalha para encerrar o processo ucraniano, Donald Trump apela ao não envolvimento neste caso que cheira a enxofre. Sobre a importância do inesperado nas relações internacionais, ontem como hoje. Nunca poderemos dizer o suficiente sobre os autoproclamados especialistas dos canais de notícias 24 horas por dia e, quem sabe, uma série de diplomatas que vivem ao ritmo da comunicação e da agitação. Se aceitarmos prontamente a ideia de uma surpresa na sequência de um imprevisto, é mais difícil aceitar a imprevisibilidade demonstrada, *ex post*, pelos principais intervenientes envolvidos.

IMPREVISIBILIDADE

Claramente, o Oriente é complicado. Os especialistas em previsões, cujo papel principal é este, não conseguiram e nem quiseram tirar lições da evolução recente do conflito em Gaza e no Líbano para a região. Talvez pudessem compensar seu erro de análise – ninguém é perfeito – considerando, sem tabus, o mais rapidamente possível, os diferentes cenários possíveis para a Síria e a região.

Enquanto os rebeldes avançam em direção a Damasco à velocidade da luz e as últimas notícias da frente são preocupantes, o que estão fazendo os líderes deste mundo neste sábado, 7 de dezembro de 2024? Maravilham-se em Notre Dame e, mais uma vez, festejam no Palácio do Eliseu, deslumbrados com a qualidade do acolhimento jupiteriano.

Em um mundo ideal, o que deveria ter acontecido? Em nível francês, a convocação de emergência de uma reunião de alto nível em torno do chefe de Estado, reunindo os ministros envolvidos (Relações Exteriores, Forças Armadas, Interior) e os responsáveis pela comunidade de inteligência (DGSE, DGSI, DRM), incluindo o SGDSN. O objetivo teria sido fazer um balanço da situação local e francesa e antecipar cenários futuros, sem quaisquer preconceitos. Paris contenta-se em “saudar a queda de Bashar Al-Assad e apelar a uma transição pacífica”.

Em nível europeu, o mínimo que poderíamos ter feito seria reunir, a partir de domingo, 8 de dezembro de 2024, os funcionários relevantes dos Estados-membros e os da Comissão e do Conselho para uma consulta. Ao nível da OTAN, igualmente, para ouvir a versão da marcha turca, por razões óbvias. Relativamente a uma possível ameaça à paz e segurança internacionais, a França, que tem *status* de membro permanente, deveria ter sugerido a convocação do Conselho de Segurança da ONU. Não? O Congresso está se divertindo. As coisas podem esperar mais alguns dias. Não há fogo no lago.

Contudo, não faltam questões pendentes: e quanto ao possível reconhecimento de uma autoridade “terrorista” ter tomado o poder pela força das armas? E quanto à proteção das populações locais (pensemos nas minorias cristãs) que enfrentam um risco real de eliminação física? E quanto à proteção dos nossos cidadãos? Que tal acolher uma possível onda de refugiados que procuram abrigo na Europa? E a execução do mandado de captura internacional que paira sobre a cabeça de Bashar Al-Assad? Esta lista está longe de ser exaustiva. Uma troca de informações, bem como um projeto de posições coordenadas, não teriam sido inúteis. Mas para onde foram os defensores do multilateralismo “eficaz”?

POSSIBILIDADES

“Governar é planejar.” As coisas podem tomar um rumo imprevisível quando você menos espera. Se não tivermos compreendido isto suficientemente cedo no contexto da guerra em Gaza e no Líbano, nunca é tarde para fazê-lo quando são possíveis diferentes opções. Isto exige pôr fim à preguiça intelectual prevalecente e pensar contra si mesmo para antecipar, a fim de se preparar para todas as hipóteses, incluindo e sobretudo as mais improváveis.

Um convite à perspectiva do mundo da comunicação imediata, da geopolítica das emoções e dos sentimentos. Devemos agir como estrategistas e não como táticos. Nós queremos isso? Podemos? Claro, é sempre mais fácil prever o pior. Existem muitos motivos para ter medo. Mas também para esperança. Uma excelente oportunidade para traçar, se quisermos, um caminho de esperança para o futuro do Oriente Próximo e Médio, ao dizer: Adeus Presidente Al-Assad.

Publicado no [Cf2R](#).

**Jean Daspry é o pseudônimo de um alto funcionário público francês, doutor em ciências políticas.*
